

Game Boliche da Desinformação: nova ordem global baseada em geopolítica 'mafiosa'

Como funciona a narrativa ideológica a partir do Jogo dos 10 Pinos e a
Máquina de Poder político-econômico de Trump-Bannon em Escala Global

Por Geraldo A. Seabra¹
& Luciene A. Santos²

Resumo:

O artigo "*Game Boliche da Desinformação: nova ordem global baseada em geopolítica 'mafiosa'*" explora como a desinformação estruturada se tornou uma ferramenta central na disputa pelo poder político e econômico em escala global. Utilizando a metáfora do Jogo dos 10 Pinos, analisamos a estratégia desenvolvida por Donald Trump e Steve Bannon, baseada na disseminação de mentiras massivas e repetitivas, com o objetivo de confundir a opinião pública, desacreditar a imprensa e legitimar discursos populistas. Esta pesquisa científica investiga a relação entre big techs, algoritmos de recomendação e manipulação de narrativas, demonstrando como a guerra da informação está diretamente ligada à geopolítica e à ascensão de novas formas de autoritarismo digital. O estudo também discute o papel do judiciário tendencioso na legitimação dessas narrativas e apresenta possíveis soluções regulatórias para conter a erosão da verdade.

Palavras-chave: desinformação, populismo, Steve Bannon, Trump, guerra da informação, geopolítica digital.

Abstrat:

The article "*The Bowling Game of Disinformation: A New Global Order Based on 'Mafia-Style' Geopolitics*" examines how structured disinformation has become a central tool in the global struggle for political and economic power. Using the 10-Pin Bowling Game metaphor, we analyze the strategy developed by Donald Trump and Steve Bannon, which relies on the mass dissemination and repetition of falsehoods to confuse public opinion, discredit the press, and legitimize populist narratives. This research explores the intersection between big techs, recommendation algorithms, and narrative manipulation, showing how the information war is intrinsically linked to geopolitics and the rise of new forms of digital authoritarianism. The study also discusses the role of a biased judiciary in legitimizing these narratives and presents potential regulatory solutions to counteract the erosion of truth.

Keywords: disinformation, populism, Steve Bannon, Trump, information warfare, digital geopolitics.

Introdução

Este presente artigo aborda o dilema incontroverso de que a desinformação e o poder *das big techs* não são apenas meras questões comerciais, mas também estratégicas de (re) conquista

¹ Jornalista, professor, escritor e mestre em comunicação social e *games* como emuladores de notícia.

² Jornalista, *designer* e professora de moda e especialista em *games* como emuladores de notícia.

de poder político-econômico em escala global, inaugurando o chamado *Digital Colonialism*³. Nessa nova geopolítica mundial, Donald Trump e seu guru ideológico Stephen (Steve) Bannon utilizam a *Metáfora do Boliche* como motor narrativo de propagação ideológica dos valores do supremacismo⁴, para colocar em prática seus planos de poder político e econômico a partir de um simples *slogan* de campanha de Ronald Reagan nas eleições presidenciais americanas de 1980: *‘Torne a América Grande Novamente’*. Após quase 40 anos, Donald Trump adaptou o bordão de Reagan para MAGA⁵ durante a campanha presidencial de 2018, alçando-o pela primeira vez ao cargo de presidente dos Estados Unidos, situação que se repetiria 8 anos depois quando o trumpismo⁶ foi novamente erguido ao maior posto de comando do país, usando o mesmo *slogan* vencedor. Por trás da ideologia MAGA existe uma maquinaria de inversão de valores culturais baseada na mentira disseminada em massa. E isso só foi possível via poder “desigual” e “tendencioso” das *big techs*. No processo de algoritimização das redes⁷, entra em cena o chamado *‘Game Boliche da Desinformação’*, numa metáfora alusiva ao jogo dos 10 pinos⁸. Nessa nova ordem global baseada em uma *geopolítica mafiosa*⁹, os pinos representam a disseminação diária de *fake news* de forma intencional pelos grupos de interesse. Já a bola do boliche representa a figura da imprensa, que em primeiro lugar age como um monólito previsível, reforçando narrativas falsas ao invés de desconstruí-las. Nesse tabuleiro midiático turvado, a imprensa funciona como uma espécie de *newsroom* global de “lavagem de mentiras”, em alusão à lavagem de dinheiro realizada por mafiosos tradicionais. Assim, a imprensa atua de forma reativa reforçando narrativas, exatamente como desejam os estrategistas da desinformação e da mentira intencional. Em segundo lugar, ao propagar a repetição de mentiras em canais oficiais supostamente respeitados e confiáveis, a imprensa tradicional legitima aos olhos do público falsas narrativas, colocando em xeque um velho poder da imprensa construído ao longo dos últimos 100 anos: o de evitar o erro de cobrir desinformação sem contextualizar sua origem e intencionalidade. Para garantir “credibilidade” nessa nova geopolítica global, a Era dos *Dons Corleones*¹⁰ na política internacional lança mão

³ *Digital Colonialism* é alvo de análise no livro homônimo “*Digital Colonialism : How the New Data Giants Are Colonizing the Global South*” de Nick Couldry e Ulises Mejias, no qual seus autores exploram como plataformas digitais dominam economias emergentes que compõem o chamado Sul Global, transformando relações de poder globais com graves repercussões em países como o Brasil.

⁴ Supremacismo é a crença de que um determinado grupo de pessoas é superior a todos os outros. Supremacismo implica as formas particulares de crença na superioridade ou domínio natural de uma categoria de seres sobre outras, simplesmente porque alguém pertence ou se supõe pertencer a esta categoria, real ou suposta, refletindo-se na prática através da imposição de uma elite na frente de outras comunidades que são legal ou factualmente discriminadas.

⁵ *Make America Great Again* (em português: *Torne a América Grande Novamente*), abreviado como MAGA, é um *slogan* de campanha adotado em campanhas presidenciais nos Estados Unidos que originou-se durante a campanha presidencial de Ronald Reagan na eleição presidencial em 1980, mas que foi por Donald Trump

⁶ *‘Trumpismo’* é um termo para as ideologias políticas, emoções sociais, estilo de governança, movimento político e conjunto de mecanismos para adquirir e manter o controle do poder associado a Donald Trump e sua base política.

⁷ O conceito de “redes” aqui é ampliado e vai além das redes sociais (abertas e fechadas) como conhecemos e comandadas pelas *big techs*. Trata-se de toda forma de ferramenta em rede digital capaz de alterar o juízo (opinião pública) a partir de mecanismos (ex: chips de inteligência artificial) que possibilitam a manipulação intencional de dados disponibilizados para favorecer politicamente e economicamente alguns grupos de poder, principalmente nos Estados Unidos.

⁸ Acessado no link: <https://jogarboliche.com.br/regras-do-boliche/>

⁹ O conceito de *‘geopolítica mafiosa’* descreve um modelo de atuação política no qual líderes utilizam mecanismos estatais para beneficiar grupos específicos de empresários e aliados, operando de maneira similar a organizações criminosas.

¹⁰ Em sua matéria de capa ‘Era Don Corleone’, a revista britânica *The Economist* analisa que a união de Trump com dois de seus maiores rivais na geopolítica mundial (Rússia e Coreia do Norte) para votar contra uma resolução na ONU sobre a guerra da Ucrânia não foi um episódio isolado, mas uma nova ordem mundial focada numa abordagem “mafiosa”. Link: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/02/27/revista-the-economist-diz-que-trump-lidera-nova-ordem-global-focada-em-geopolitica-mafiosa.ghtml>

de especialistas de fachada (*think tanks*¹¹) e redes sociais tendenciosas para dar respaldo às narrativas falsas por (re) conquista de mais poder político e econômico.

1- Regras do Boliche e suas Relações com os Jogos de Poder Político

No boliche, um jogo padrão tem 10 *frames*, mas no 10º *frame*¹² é possível jogar até três bolas se o jogador fizer um *strike*¹³ ou um *spare*¹⁴, resultando em 12 jogadas no total para um jogo perfeito (300 pontos). Caso o jogador não derrube todos os 10 pinos nas duas tentativas, dizemos que o *frame* ficou “aberto”. Quando a primeira bola de uma jogada derruba o pino 1, mas deixa dois ou mais pinos que não são próximos, chamamos isso de *split*. Nesse caso, é trabalhoso conseguir um *spare*, especialmente se tiver um *split* dos pinos 7-10, o mais difícil de ser acertado, porque há um ângulo perfeito de contato pino para se conseguir um *strike*.



As *imagens* de 10 pinos do boliche e o ângulo perfeito para se fazer um *strike*.

Algoritmo Perfeito do *Strike* para Alcance da Mentira Intencional

Sob a ótica da *Metáfora do Boliche*, a imagem do ângulo perfeito sintetiza o mecanismo do efeito dominó dos pinos — representando a mentira intencional lançada diariamente. A trajetória ideal da bola simboliza a cobertura monolítica da imprensa no confronto com os pinos da mentira, conduzindo-a à execução de um *strike* perfeito: o momento em que os efeitos da mentira são amplificados a ponto de redirecionar posições políticas em favor dos jogadores (políticos). Essa metáfora aplicada ao contexto das *fake news* reflete um “algoritmo de impacto total”, no qual a desinformação é estrategicamente posicionada para que, ao ser atingida no ponto certo (pino 1), a bola (imprensa como bloco homogêneo) desencadeie uma sequência de eventos (im)previsíveis, espalhando a narrativa desejada. Assim, os lançadores da mentira maximizam sua influência, moldando percepções e decisões conforme seus interesses escusos.

A Relação do X do *Strike* com o X da Rede Social de Musk

¹¹ *Think tank* é uma organização que cria e dissemina conhecimento sobre diversos temas, como política, economia, saúde, segurança e ciência. É uma ponte entre os centros de ensino e as comunidades responsáveis por colocar em prática os estudos desenvolvidos. O conceito de *think tank* faz referência a uma instituição dedicada a produzir e difundir conhecimentos e estratégias sobre assuntos vitais.

¹² *Frame* tem como representação gráfica o símbolo do parênteses) ; o *frame* refere-se a uma partida é formada por dez rodadas e, em cada uma delas, o jogador tem direito a até dois arremessos.

¹³ A regra é que quando todos os dez pinos são derrubados no primeiro arremesso do *frame* é *strike* — representado no *score* como X. Se o jogador consegue o *strike* em sua primeira chance, não precisa de uma segunda oportunidade nesse mesmo *frame*.

¹⁴ No caso de ele usar as duas chances que o *frame* oferece para derrubar todos os pinos, ele faz o que é denominado no boliche de *spare* — cuja representação gráfica é / . É possível que o jogador derrube sete pinos na primeira chance e os outros três na seguinte — ou seja, ele fez um *spare*.

A relação entre o "X" do *strike* no boliche e a rede social "X" de Elon Musk vai além da coincidência do nome. A letra "X" tem sido uma marca recorrente nos empreendimentos de Musk, desde o X.com (precursor do PayPal) e a X Corp.(ex-razão social do Twitter) até a SpaceX. Musk utiliza o grafema como um símbolo de inovação radical e disrupção. No caso da plataforma "X", ex-Twitter, a ideia parece ser transformar a rede social em um ecossistema¹⁵ completo — chamado por Musk como “o app de tudo” —, incorporando pagamentos, inteligência artificial e outras funcionalidades, assim como um jogador de boliche mira não apenas em um único pino, mas na jogada perfeita. Mas qual sua relação com a *Metáfora do Boliche* a partir da qual este artigo foi inspirado? Ambos simbolizam uma tentativa de causar impacto total: no boliche, o *strike* representa o máximo desempenho, derrubando todos os pinos de uma só vez. Já na rede social, Musk busca um domínio absoluto da comunicação digital, eliminando concorrentes e reformulando o conceito de mídia social, colocando em prática a *ideia supremacista do pensamento único* que garantiria ao bilionário e seus seguidores mais poder político e econômico, vide eleição de Trump pela segunda vez. Por outro lado, assim como um *strike* pode ser difícil de replicar constantemente, Musk enfrenta desafios para converter o "X" em um sucesso absoluto. Em 2024, o *rebranding da marca*¹⁶ gerou confusão e resistência, assim como uma tentativa malsucedida de *strike* pode deixar pinos estratégicos de pé. Ainda assim, Musk aplicou duas máximas que se infere a partir do filme *O Jogo da Imitação* (2014), inspirado na vitória dos Aliados na II Guerra Mundial: *maximização estratégica* e *minimização de perdas*. No final das contas, o que importa é vencer: Musk se tornou em 2025 o homem forte do presidente dos EUA, Donald Trump, apenas três anos após ter adquirido o Twitter (2022) por US\$ 44 bilhões. Mas até os poderosos enfrentam reveses. E coube ao filho X de Musk reafirmar que o poder pode ser enganador. Durante uma coletiva de imprensa no Salão Oval, o *Garoto X*¹⁷ disparou contra Trump:

— “Eu quero que você cale a sua boca!” “Você não é o presidente, precisa ir embora. Cala a merda da sua boca!”¹⁸ (**Garoto X, de 4 anos, filho de Elon Musk**)

Metáfora do Garoto X e a Técnica do Aparecimento Súbito

Diante de uma Casa Branca estupefata, o vídeo viralizou nas redes sociais e críticos de Trump comentaram que o *garoto X* disse o que muitos opositoristas gostariam de dizer. Ironicamente, o *Garoto X* deu uma pista sobre como contrapor narrativas baseadas em pinos de mentira: surpreender os algozes da democracia com narrativas surpreendentes. Mas que tipo de narrativa ainda teria o poder de desestabilizar os arquitetos da manipulação denunciados na *Metáfora do Boliche*? Para Seabra & Santos (2012-14), apenas os *games*, como emuladores de informação e notícias, seriam capazes desse feito. Colocada dessa forma, conclui-se que os *games*, enquanto mera diversão, ainda terão longa vida por alimentar essa *cultura da dissimulação* da qual fazem parte Trump, Bannon, Musk e os donos de *big techs*.

Nesse contexto, a *Metáfora do Garoto X* emerge das consequências provocadas pelo simples ato de causar surpresa. Essa técnica utilizada pelo *Garoto X* — ainda que ele nem soubesse de

¹⁵ Acessado no link: <https://olhardigital.com.br/2023/04/11/pro/twitter-mudou-de-nome-entenda/>

¹⁶ Acessado no link: <https://tecnologia.ig.com.br/2023-07-24/twitter-muda-logo-agora-se-chama- apenas-x-entenda.html>

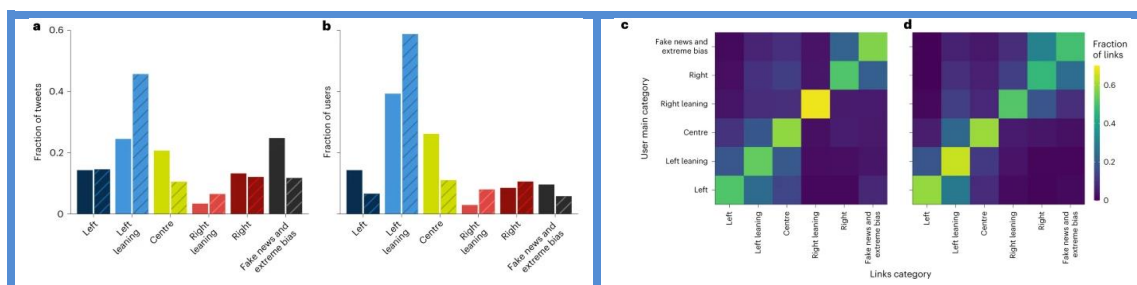
¹⁷ Acessado no link: <https://x.com/folha/status/1890110510105755760>

¹⁸ Acessado no link: https://x.com/search?q=from%3Abelemtransito%20filho%20de%20trump&src=typed_query

sua existência — já havia sido abordada no artigo publicado no *Webinsider*¹⁹ (2012). Mas o que realmente importa aqui é entender a essência da chamada "*Técnica do Aparecimento Súbito*"²⁰, amplamente utilizada pelos desenvolvedores de *videogames* até hoje. Essa estratégia "*surpresa como mecânica de retenção*" foi bastante estudada por Raph Koster (2013), e consiste em surpreender os jogadores ao longo da narrativa, prendendo sua atenção e, ao mesmo tempo, dificultando sua progressão no jogo. No subtítulo do artigo "*Desvendando Segredos Narrativos dos Videogames*"²¹ (item 5), Seabra & Santos (2012-14) afirmam que essa técnica promove aprendizado e retenção de informação por meio do impacto cognitivo da surpresa. Mas agora se constata que há algo ainda mais profundo: essa mesma lógica pode ser aplicada contra o *jogo político da desinformação*. No contexto do "*Game Boliche da Desinformação*", engendrado pela dupla Trump-Bannon e replicado por populistas de direita ao redor do mundo, a *técnica do aparecimento súbito* funciona como "*bolas de prata*" no boliche da dissimulação político-ideológica: ações inesperadas que derrubam pinos de mentiras intencionais, conforme sugerido na *Metáfora do Boliche*. Na política real, um exemplo claro dessa subversão do jogo ocorreu quando Emmanuel Macron, de forma inesperada, declarou que a França poderia colocar sua bomba atômica à disposição dos aliados europeus, incluindo a Ucrânia de Zelensky. O anúncio, feito dois dias após Trump acusar a Ucrânia de querer provocar a Terceira Guerra Mundial, foi um verdadeiro xeque-mate narrativo. Uma jogada de mestre, diretamente inspirada na técnica dos *videogames*, que mudou as regras da disputa geopolítica no tabuleiro global. Logo, diante da resposta inesperada de Macron (pinos de verdade real) e aceita pela mesma cobertura da imprensa monolítica (bola do jogo midiático), a *Metáfora do Boliche* acaba funcionando para os dois lados do *jogo politizado*: serve tanto para "*lavar mentiras*" quanto para "*reportar verdades*".

2 - O Papel da Imprensa na 'Lavagem de Fake News'

Segundo Flamino, J., Galeazzi, A., Feldman, S. et al.(2023), a disseminação de *fake news* e a *polarização político-ideológica* ocorre através das *redes sociais* e campanhas coordenadas de desinformação. No conjunto de dados levantados pela pesquisa²² (2016), que envolveu diversos centros de pesquisa (USA, Suíça, Itália e China), 30,7 milhões de *tweets*, enviados por 2,3 milhões de usuários, contêm uma *URL* direcionada a um *site*. Já o conjunto de dados de 2020 continha 72,7 milhões de *tweets* com *links* de notícias enviados por 3,7 milhões de usuários.



A **figura** com distribuição de notícias entre 2026 e 2020 por perfil político-ideológico.

¹⁹ Acessado no link: <https://webinsider.com.br/2012/04/05/newsgames-uma-ferramenta-de-ensino-inovadora-parte-ii/>

²⁰ A '*Técnica do Aparecimento Súbito*' consiste na estratégia de buscar surpreender os jogadores ao longo da narrativa, prendendo sua atenção e, ao mesmo tempo, dificultando sua progressão no jogo.

²¹ Acessado no link: <https://webinsider.com.br/2012/04/05/newsgames-uma-ferramenta-de-ensino-inovadora-parte-ii/>

²² Acessado no link: <https://www.nature.com/articles/s41562-023-01550-8?fromPaywallRec=false>

Esse número revela uma queda na fração de *tweets* que fluíam de usuários que propagavam *links* de notícias, de 18% em 2016 para 10% em 2020, redução que coincidiu com ano não eleitoral. No entanto, o fenômeno das *fake news* deixou de ser uma primazia das redes sociais: a grande imprensa, principalmente no EUA, também passou a desempenhar um papel crucial na legitimação e amplificação dessas narrativas falsas, um fenômeno que se pode denominar de "*lavagem de fake news*". No Brasil, esse movimento passou a ocorrer mais fortemente após as eleições presidenciais de 2022, quando Lula saiu vencedor pela 3ª vez. A lógica desse processo é simples: mentiras políticas são lançadas estrategicamente e, mesmo quando são refutadas, são repetidas e ganham credibilidade através da mídia tradicional. Isso ocorre porque a imprensa, ao tentar ser "neutra", frequentemente coloca desinformação e verdade no mesmo nível, sem contextualizar o dano das falsas alegações.

Fake News e o Capitalismo de Vigilância

Em *The Age of Surveillance Capitalism*, Shoshana Zuboff descreve como as plataformas digitais monetizam dados pessoais e manipulam a informação para fins políticos e econômicos. Esse modelo se encaixa perfeitamente no fenômeno da lavagem de fake news, pois as empresas jornalísticas, dependentes de algoritmos para engajamento, acabam reforçando desinformação ao disputar atenção nas redes sociais. Segundo Zuboff (2019, p. 110), "a economia da vigilância prospera não apenas ao prever nosso comportamento, mas ao moldá-lo, utilizando informações que circulam sem controle. "A imprensa, ao tentar cobrir factualmente uma declaração falsa de um líder populista, muitas vezes a repete e a reforça, sem perceber que está construindo a própria relevância da mentira" (Zuboff, 2019). Ao invés de combater desinformação, a imprensa muitas vezes a reforça involuntariamente, tornando-se um agente involuntário da "*lavagem de fake news*". Esse fenômeno é impulsionado por:

1. **A lógica do capitalismo de vigilância**, que prioriza engajamento, não verdade.
2. **O modelo de comunicação imperial**, que estrutura poder através da informação.
3. **A estratégia política da desinformação**, que utiliza a mídia como ferramenta.
4. **A amplificação algorítmica**, que transforma mentiras em narrativas dominantes.

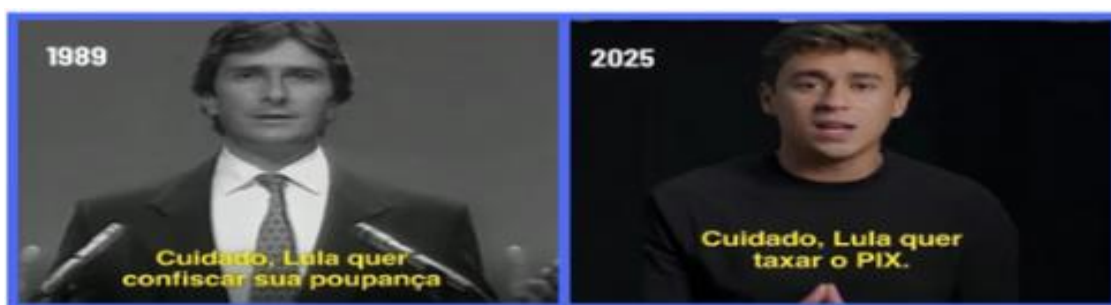
O Império Digital e a Manipulação da Verdade

No livro *Empire*, Michael Hardt e Antonio Negri explicam como o poder imperial moderno não se limita mais ao controle territorial, mas se manifesta através de redes de comunicação e dominação informacional. A mídia, ao ser integrada nessa lógica, não apenas informa, mas também estrutura o poder e reforça discursos hegemônicos. Para Hardt & Negri (2000, p. 29), "o novo império não precisa de exércitos físicos para expandir sua influência, mas de sistemas de comunicação e legitimação ideológica." Dessa forma, a imprensa pode se tornar uma ferramenta para a perpetuação de narrativas falsas, legitimando-as involuntariamente ao integrá-las no fluxo informacional cotidiano. Quando ela o faz de forma intencional, voltamos ao livro 1984 de George Orwell²³, cuja ficção retrata a população de Londres vivendo sob o manto do totalitarismo, sem que houvesse alguém suficiente capaz de livrá-la das mazelas da submissão total.

²³ 1984, escrito por George Orwell e publicado em 1949, é um dos livros mais famosos de todos os tempos. Trata-se de uma distopia que se passa em Londres, no ano de 1984, retratando um regime totalitário no qual a população é vigiada constantemente.

3 - O Processo de Legitimação de Mentiras Intencionais

Na era dos *Dons Corleones* na geopolítica global, a desinformação não se limita à sua disseminação inicial; para ser efetiva, ela precisa ser legitimada. Esse processo envolve instituições midiáticas, redes sociais, influenciadores políticos e até mesmo *órgãos estatais*, que, muitas vezes sem perceber, acabam validando falsas narrativas. A legitimação de mentiras não ocorre por acaso. Líderes populistas e grupos estratégicos utilizam táticas sistemáticas para transformar desinformação em "verdade", reforçando narrativas através de repetições, manipulações emocionais e estruturas institucionais que confundem o público e enfraquecem o conceito de realidade compartilhada.



A *imagem* do ex-ppresidente Fernando Collor (1989) de Melo e do deputado Nikolas Ferreira (2025).

Assim como ocorre na lavagem de dinheiro, a legitimação de mentiras passa por um processo de oficialização de notícias falsas. No caso do dinheiro sujo, os criminosos usavam (usam) “*laranjas*”, ou pessoas que cediam seus CPF’s para fazer a guarda de grandes somas de recursos escusos. Agora, essa lavagem de dinheiro é feita através de *fintechs*²⁴ (bancos digitais). Esse esquema foi alvo de delação do então empresário Vinícius Gritzbach, morto no Aeroporto de Guarulhos no final de 2024. No entanto, no episódio de *fake news* em massa sobre o PIX, a narrativa vencedora em vídeo viralizado à época — publicação²⁵ atingiu mais de 100 milhões de visualizações em menos de 24h — foi do deputado *Nikolas Ferreira* (PL-MG) de que o governo queria taxar a nova forma de pagamento digital, quando na verdade o intuito do governo era combater justamente esse tipo de crime pelo fato dessas *fintechs* não serem obrigadas (como os bancos tradicionais são) a declarar ao sistema financeiro nacional as movimentações realizadas. (colocar que na pesquisa de Lula após). No entanto, cerca de dois meses após esse episódio, o Banco Central do Brasil²⁶ anunciou o cancelamento de 8 milhões de contas do PIX por conter algum tipo de irregularidade junto à Receita Federal do Brasil. Ou seja, CPF’s (Cadastro de Pessoas Físicas) que poderiam estar sendo usados para cometer fraudes *online* e lavagem de dinheiro do crime organizado.

O Uso da Imprensa e Sua Legitimação

²⁴ Alvo de uma operação da Polícia Federal contra fintechs que lavam dinheiro inclusive por meio do Bolsa Família para a facção criminosa Primeiro Comando da Capital (PCC), o policial civil Cyllas Salerno Elia Júnior já havia sido preso em novembro do ano passado por comandar a 2GO, empreitada acusada de desviar cerca de R\$ 4 bilhões. Link de acesso: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2025/02/25/gritzbach-delatou-como-fintech-comandada-por-policial-presos-eram-usados-para-lavar-dinheiro-para-o-pcc.ghtml>

²⁵ Acessado no link: <https://www.correio24horas.com.br/brasil/video-de-nikolas-ferreira-sobre-pix-viraliza-nas-redes-veja-o-que-e-fato-e-fake-0125>

²⁶ Acessado no link: <https://vocesa.abril.com.br/sociedade/8-milhoes-de-cpfs-terao-chaves-pix-excluidas-por-irregularidades-com-a-receita-federal/>

Ao cobrir desinformação como "*ponto de vista*", a imprensa e seu exército de jornalistas contribuem, involuntariamente ou não, para sua aceitação. Em *Empire*, Hardt e Negri explicam que "*o poder contemporâneo não impõe verdades, mas gerencia narrativas*." Ao buscar "neutralidade", a *mídia cria uma falsa equivalência entre fato e mentira*, permitindo que falsidades sejam tratadas como opiniões legítimas. De acordo com Hardt & Negri (2000, p. 201), "os meios de comunicação modernos *não operam como árbitros da verdade*, mas como agentes de uma rede maior de controle da informação." Isso explica por que narrativas falsas, mesmo quando desmentidas, continuam a circular: a mera exposição repetida lhes dá credibilidade.

Como a Legitimação da Mentira Intencional Acontece

No livro *The Big Nine: How the Tech Titans and Their Thinking Machines Could Warp Humanity*, Amy Webb²⁷ explica que a IA e os algoritmos de recomendação das redes sociais amplificam mentiras, organizando conteúdos para maximizar engajamento. No caso de da estratégia ideológica Trump-Bannon, essa amplificação ocorre de três formas:

1. **Redes sociais e bots** – Contas automatizadas espalharam conteúdos distorcidos sobre o caso, reforçando a versão trumpista dos fatos.
2. **Mídia tradicional** – Mesmo tentando ser imparcial, a imprensa repetiu as alegações, criando uma falsa equivalência entre os lados.
3. **Instituições políticas** – Republicanos no Congresso ecoaram a narrativa de Trump, transformando uma mentira pessoal em um discurso partidário.

Para Webb (2019, p. 145), "se uma mentira for repetida por múltiplas fontes, ela deixa de parecer um truque político e se transforma em *realidade alternativa*." Na campanha de desinformação de Trump, Green destaca como Bannon utilizou canais alternativos, como *Breitbart News*, para dar legitimidade a alegações sem base factual. Segundo Green (2017, p. 145), "a estratégia era criar múltiplas fontes de informação falsas, para que parecessem diversas e independentes, quando na verdade todas estavam coordenadas." A China, por outro lado, segue um modelo diferente: a legitimação da mentira ocorre pelo controle estatal da informação. Como Webb explica, o governo chinês não permite a circulação de fatos inconvenientes ao regime, garantindo que apenas narrativas oficiais sejam aceitas como verdade, haja vista a censura sobre o massacre ocorrido na Praça da Paz Celestial (Pequim), em 1989. Diante de tanta desinformação, até hoje não se sabe ao certo o número de mortos na tragédia. As estimativas de civis mortos variam entre 400-800, segundo o jornal *The New York Times*²⁸, e cerca de 10.000, de acordo com informações da Cruz Vermelha chinesa²⁹.

4 - O Jogo dos 10 Pinos: Trump-Bannon e a Estratégia da Repetição

O ex-estrategista de Donald Trump, Steve Bannon, entendeu como a imprensa funciona e como pode ser usada para amplificar mentiras intencionais. Bannon mesmo descreveu essa

²⁷ Amy Lynn Webb é uma futurista americana, autora, fundadora e CEO do Future Today Institute. É professora de previsão estratégica na *Stern School of Business da Universidade de Nova York*, e foi investigadora visitante do Nieman em 2014–15 na Universidade de Harvard.

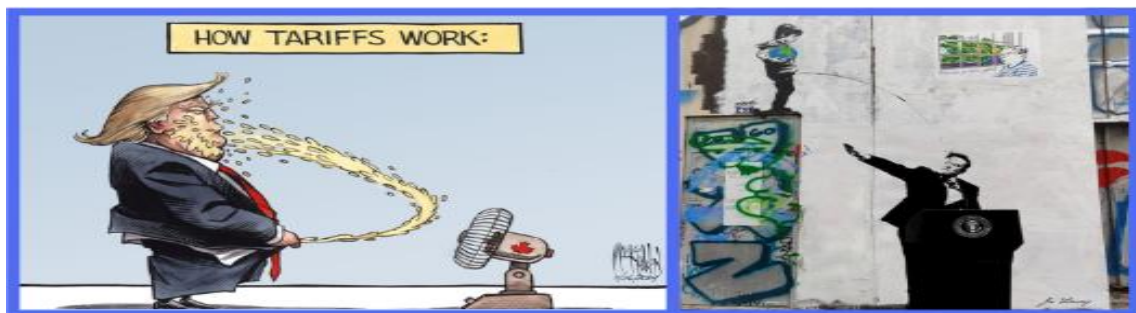
²⁸ Acessado pelo link: <https://www.nytimes.com/1989/06/21/world/a-reassessment-of-how-many-died-in-the-military-crackdown-in-beijing.html>

²⁹ Acessado pelo link: <https://www.nytimes.com/1989/06/21/world/a-reassessment-of-how-many-died-in-the-military-crackdown-in-beijing.html>

tática como "*flood the zone with shit*" (em português, "inundar o debate com lixo"). No livro *Devil's Bargain*, de Joshua Green, Bannon orienta Trump a *criar uma crise midiática diária*, pois sabia que a imprensa reagiria automaticamente, sem tempo para aprofundamento crítico. Conforme Green (2017, p. 102), "a mídia *mainstream*, sem perceber, se tornou a ferramenta perfeita para a estratégia de Bannon: *transformar desinformação em notícia*." Bingo! Isso reflete exatamente o modelo do *jogo de boliche da desinformação*: lança-se a mentira (bola), a imprensa reage (derruba os pinos), e o ciclo se repete, reforçando a narrativa original. Essa estratégia de poluir o mercado de informação com desinformação em *loop* é evidente no X (ex-Twitter) e Youtube, onde milhares de vídeos e propagandas são reproduzidos à exaustão a cada acesso. Quem ganha sempre? Os poderosos mafiosos! Quem perde sempre? Os fracos desumanizados! Quem coloca luz nesse processo de selvageria humana são Robert I. Simon e Laís Andrade, autores do livro "*Homens Maus Fazem o que Homens Bons Sonham – Um Psiquiatra Forense Ilumina o Lado Obscuro do Comportamento Humano*".

Trump-Bannon e conceito de "geopolítica mafiosa" e o *tarifaço global*

O conceito de "*geopolítica mafiosa*" descreve um modelo de atuação política no qual líderes utilizam mecanismos estatais para beneficiar grupos específicos de empresários e aliados, operando de maneira similar a organizações criminosas. Em vez de recorrer a métodos tradicionais de diplomacia e comércio, esses líderes empregam práticas como extorsão econômica, coerção tarifária (*tarifaço*) e manipulação de políticas regulatórias para favorecer determinados setores, em *troca de apoio político e financeiro*. Donald Trump exemplificou essa estratégia ao impor *tarifas unilaterais* contra países rivais, sob o pretexto de proteger a indústria nacional, quando na realidade estava favorecendo magnatas e corporações que financiavam sua base política. Suas ameaças de sanções econômicas e retaliações comerciais funcionavam como uma forma de "*proteção forçada*" — um modelo típico de organizações mafiosas que exigem lealdade e contribuições em troca de benefícios e imunidade.



As *charges* do presidente Donald Trump e de seu braço direito, Elon Musk.

Além disso, a infiltração de seus aliados em cargos-chave do governo e a manipulação de instituições para deslegitimar opositores consolidaram essa dinâmica, transformando a política externa dos EUA em um *jogo de intimidação e privilégios*. No contexto da *geopolítica mafiosa*, as leis e normas internacionais tornam-se meros obstáculos a serem contornados ou reinterpretados para servir aos interesses do líder e sua rede de influência. Essa lógica não apenas compromete a soberania econômica de outras nações, mas também enfraquece a credibilidade das instituições globais, pavimentando o caminho para um sistema onde a força e o favorecimento substituem regras e tratados.

Tarifaço do Trump, AutoTarifaço do Banco Central e AutoTarifaço do Agro

Desde janeiro de 2023, logo após o presidente Lula ter sido empossado pela 3ª vez como presidente da República, o Brasil tem observado variações significativas nos preços dos supermercados e nas taxas de juros, influenciadas por diversos fatores econômicos e políticos. Por coincidência, o *Autotarifaço do Agro* se intensificou principalmente quando Donald Trump assumiu o cargo de presidente dos EUA pela 2ª vez, em 20 de janeiro de 2025, com altas aceleradas e contínuas no preço do ovo, carne, azeite, café e de produtos à base de farinha de trigo. O grande alvo desse *autotarifaço no Brasil* são os eleitores pobres. Coincidentemente, contra os menos privilegiados historicamente por políticas públicas que se volta a extrema-direita brasileira, que tem justamente o Agro como plataforma de sustentação política e econômica.

Cronologia dos Preços nos Supermercados:

Janeiro de 2023 a Maio de 2023: O Índice de Preços dos Supermercados (IPS)³⁰, calculado pela Associação Paulista de Supermercados (Apas)³¹ em parceria com a Fipe³², registrou uma variação acumulada de 1,84% até maio de 2023, o menor patamar dos últimos cinco anos.

Janeiro de 2024: Uma pesquisa indicou que 48,4% dos brasileiros acreditavam que os preços estavam mais altos.

Julho de 2024: Este número aumentou para 52,4%.

Janeiro de 2025: A percepção de aumento de preços nos supermercados subiu para 65,7% dos entrevistados, mostrando uma tendência crescente de descontentamento com os preços.

Histórico da Taxa Selic do Banco Central:

2023: A taxa Selic iniciou o ano em 13,75% e foi gradualmente reduzida ao longo do ano, atingindo 10,5% em maio de 2024.

Setembro de 2024: O Banco Central aumentou a taxa em 25 pontos base, elevando-a para 10,75%, marcando o primeiro aumento em mais de dois anos, em resposta a uma perspectiva de inflação desafiadora devido a uma atividade econômica mais forte do que o previsto.

Janeiro de 2025: A taxa Selic foi elevada para 13,25%, com o Banco Central sinalizando a possibilidade de novos aumentos caso as pressões inflacionárias persistam.

Relação entre Aumento de Preços, Setor Agropecuário e Bancos

A alta nos preços dos supermercados e o aumento das taxas de juros podem ser atribuídos a uma combinação de fatores econômicos, como inflação, demanda interna e políticas monetárias adotadas para controlar a inflação. Embora não há evidências concretas que associem diretamente essas altas a uma agenda ideológica ou política específica do setor agropecuário ou dos bancos filiados à direita brasileira, é importante considerar que os preços dos alimentos e as taxas de juros são influenciados por uma variedade de fatores, incluindo condições climáticas, políticas fiscais e monetárias, além de dinâmicas de mercado globais e

³⁰ Acessado no link: <https://apas.com.br/indice-de-precos-dos-supermercados-ips/>

³¹ Acessado no link: <https://apas.com.br/>

³² Acessado no link: <https://www.fipe.org.br/pt-br/indices/>

locais. Entre janeiro de 2023 e março de 2025, houve uma percepção crescente de aumento nos preços dos supermercados, acompanhada por ajustes na taxa Selic pelo Banco Central para conter a inflação. Embora setores específicos possam influenciar a economia, atribuir essas variações a uma agenda ideológica ou política específica requer uma análise mais aprofundada e baseada em evidências concretas.

O Loop Desinformativo como Estratégia de Poder

Dentro dessa *geopolítica mafiosa*, a repetição (*loop*) intencional de desinformação é um dos mecanismos mais eficazes para validar uma mentira intencional. Como Shoshana Zuboff aponta em *The Age of Surveillance Capitalism*, as plataformas digitais favorecem conteúdos que geram engajamento, independentemente da veracidade da informação. Isso significa que mentiras viralizam mais rápido que a verdade, pois são formuladas para ativar *emoções fortes* como *medo, raiva e indignação*. Para Zuboff (2019, p. 92)., "não é necessário que uma mentira seja bem construída para ser acreditada. Basta que seja repetida vezes suficientes para que se torne familiar." Bannon usou essa lógica na campanha de Donald Trump, aconselhando-o a repetir insistentemente falsas alegações sobre *imigração, fraude eleitoral e mídia corrupta*. Segundo Joshua Green, essa estratégia não era apenas retórica, mas sim um método calculado para criar *novas realidades políticas*. "A repetição de uma mentira política não visa enganar todos de uma vez, mas criar um ruído tão intenso que a *própria verdade se torna irrelevante*" (Green: 2017, p. 128).

10 pinos de Mentira Intencional de Trump e as Replicações pela Imprensa Mundial

Antes, durante e após a sua posse em 20 de janeiro de 2025, o presidente Donald Trump fez diversas declarações falsas ou enganosas. Na tabela abaixo, uma compilação contendo 10 “pinos” com afirmações falseadas ou enviesadas, acompanhadas de pelo menos cinco veículos de imprensa que as replicaram, contribuindo para sua disseminação nas redes sociais:

Declarações Falsas e Bravatas de Donald Trump	Data da Declaração	Jornais que Replicaram suas Mentiras e Bravatas	Data da Publicação
1 Fake News - A China controla o canal do Panamá: Trump afirmou que a China havia assumido o controle do Canal do Panamá, o que foi desmentido por autoridades panamenhas.	20 de janeiro de 2025	Fox Business, CNBC, Bloomberg, The Wall Street Journal, Reuters, O Globo, UOL Notícias, CNN Brasil	20 de janeiro de 2025
2 Bravata - Retomada do Canal do Panamá: Trump declarou que os EUA retomariam o controle do Canal do Panamá, o que não ocorreu.	20 de janeiro de 2025	Agência Brasil, Exame, The Times, El País, HuffPost, Folha de São Paulo, O Globo	20 de janeiro de 2025
3 Bravata - Transformar Gaza em resort: Trump disse que iria transformar Gaza em um resort "de luxo" e que já teria investidores para contruir o megaempreendimento no enclave.	7 de janeiro de 2025	Metrópoles, SBT News Dourados News, O Globo, The New York Times, Agência Brasil, Estadão, Folha de São Paulo	7 de janeiro de 2025
4 Bravata - Reunião bem-sucedida com Zelensky: Trump afirmou que sua reunião com o presidente ucraniano Zelensky foi produtiva, apesar das tensões evidentes.	28 de janeiro de 2025	HuffPost, The Wall Street Journal, The New York Times, El País, The Times	28 de janeiro de 2025
5 Bravata - Anexar o Canadá como o 51º estado: Trump sugeriu que o Canadá deveria se tornar o 51º estado dos EUA, argumentando que os US gastam bilhões de dólares para proteger o país vizinho.	20 de janeiro de 2025	Agência Brasil, Exame, The Wall Street Journal, The New York Times, HuffPost, Globo News, Jovem Pan News	20 de janeiro de 2025

6	Fake News - EUA tiveram inflação recorde no governo Biden: Trump afirmou que a taxa de inflação dos EUA atingiu níveis históricos em 2022, quando era de 9,1%, mas isso não estava perto do recorde de 23,7%, em 1920.	20 de janeiro de 2025	The Times, The Wall Street Journal, The New York Times, El País, HuffPost	20 de janeiro de 2025
7	Bravata - Anexação da Groenlândia: Trump afirmou que a incorporação da Groenlândia aos EUA é essencial para a segurança nacional e para o acesso a recursos minerais estratégicos.	20 de janeiro de 2025	El País, The Times, The Wall Street Journal, The New York Times, HuffPost, Globo News, Estadão	20 de janeiro de 2025
8	Fake News - Recursos da USAID financiaram mídias de notícias falsas: Trump mentiu sobre uso de bilhões da USAID foram dados à mídia de notícias falsas" para escrever histórias favoráveis sobre os democratas.	6 de janeiro de 2025	El País, The New York Times, The Wall Street Journal, HuffPost, The Times, Jovem Pan News	6 de janeiro de 2025
9	Bravata - Mudança do nome do Golfo do México para Golfo da América: Trump anunciou a mudança do nome do Golfo do México, mas nenhuma alteração oficial foi feita.	20 de janeiro de 2025	Agência Brasil, Exame, The Times, The Wall Street Journal, The New York Times, Globo News	20 de janeiro de 2025
10	Fake News - EUA "receberam centenas de bilhões de dólares da China: Trump mentiu que os EUA "receberam bilhões de dólares da China por meio das tarifas que ele impôs durante sua primeira presidência.	20 de janeiro de 2025	Fox Business, CNBC, Bloomberg, The Wall Street Journal, Reuters, O Globo, UOL Notícias, CNN	20 de janeiro de 2025

Por que as Pessoas Ainda Tendem a Acreditar em *Mentiras Políticas*?

Entre 2011 e 2022, uma pesquisa³³ (Lasser, J., Aroyehun, S.T., Carrella, F. et al, 2023) analisou as *discussões políticas* de todos os membros do Congresso dos EUA no então *Twitter*. No período foram analisados cerca de 4 milhões de *tweets*. A abordagem baseou-se na ideia de que a compreensão que as pessoas têm do que é "*honestidade*" envolve dois componentes distintos: "*falando de fatos*" e "*falando de crenças*".

	Republican	Democratic
more belief-speaking	Schiff definitely doesn't have an "ironclad" impeachment case as he is desperately trying to suggest. He surely has himself though an active, "ironclad" imagination and a boatload of bad intentions.	We must expand the Supreme Court. I don't come to this conclusion lightly or because I disagree with a particular decision; I come to this conclusion because I believe the current court threatens the democratic foundations of our nation. My op-ed:
more fact-speaking	We need to know how this pandemic started to stop it from ever happening again. I encourage whistleblowers who can inform a complete, scientific, and objective investigation into the origins of COVID-19 to contact @user	Among other requests in the letter, I ask that VBCPS make public the full raw data of their lead testing to allow independent toxicologists to verify the accuracy of the tests and determine that no other sites have been erroneously identified as below actionable levels.

A *figura* ilustra os resultados do levantamento científico de *tweets* mentirosos.

A primeira forma de discurso baseia-se em *evidências e enfatiza a veracidade* e procura comunicar o estado real do mundo e a segunda, baseia-se na *aparente sinceridade do comunicador*, mas presta pouca atenção à precisão factual. Com base em dados matemáticos, os pesquisadores mensuraram até que ponto cada *tweet* representava a *fala de crenças* e a

³³ Acessado no link: <https://www.nature.com/articles/s41562-023-01691-w>

fala de fatos, e como os dois evoluíram ao longo do tempo. A *figura* acima ilustra os resultados da nossa análise com exemplos de *tweets* que envolvem muito discurso de crenças (*em cima*) e de fatos (*em baixo*), separadamente para membros dos dois partidos, sendo o vermelho o *Republicano* e o azul o *Democrata*. Segundo serviços verificadores de fatos e fake news, Donald Trump fez mais de 30 mil afirmações falsas ou enganosas durante seu primeiro mandato na presidência dos EUA. Isso corresponde a cerca de 20 *pinos de mentira* por dia, o dobro de pinos presentes em um jogo de boliche, o qual este artigo usou como metáfora aplicada. Mas, conforme diversas sondagens de opinião durante a sua presidência, cerca de 75% dos eleitores republicanos ainda consideravam Trump um *político honesto*. Parece incrível que um "*mentiroso contumaz*" — cuja maior mentira sobre os resultados das eleições de 2020 levou a uma insurreição violenta e quase colocou a democracia americana de joelhos — ainda fosse considerado *honesto* por milhões de americanos, a ponto de reconduzi-lo pela 2ª vez ao maior cargo do país mais poderoso do mundo.

Falência Argumentativa da Linguagem - *Fatos Presumidos* X *Fatos Presumíveis*

A linguagem como conhecemos — sujeito + verbo + predicado — perdeu seu efeito argumentativo a partir da interpretação de fatos cotidianos, principalmente diante da campanha global de disseminação de pinos de mentiras intencionais comandada pela big techs. Em primeiro lugar, é precisa diferenciar "*Fatos Presumidos*" de "*Fatos Presumíveis*":

Fatos presumidos: São aqueles que já foram presumidos de forma concreta, seja por força de uma norma jurídica, de um raciocínio lógico ou de um consenso social. Exemplo: "No direito, um filho nascido dentro do casamento é presumidamente filho do marido da mãe." Nesse caso, a presunção já está estabelecida e tem validade até prova em contrário.

Fatos presumíveis: São aqueles que podem ser presumidos, mas não necessariamente o são. Ou seja, há uma possibilidade lógica de que algo seja verdadeiro, mas a presunção não é automática nem obrigatória. Exemplo: "É presumível que uma pessoa que trabalha 12 horas por dia esteja cansada." Aqui, a presunção depende de contexto e análise.

No episódio em que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva se referiu à ministra Gleisi Hoffmann como uma "*mulher bonita*" ao justificar sua escolha para a Secretaria de Relações Institucionais, observou-se uma reação polarizada na mídia e nas redes sociais. Enquanto alguns jornalistas e influenciadores alinhados ao bolsonarismo interpretaram a fala como *misógina*, outros a defenderam como um elogio inofensivo, inclusive a própria ministra recém-empossada. No caso dos jornalistas, as opiniões foram bastante divididas. Na Rádio BandNews, os três âncoras do jornal da manhã (Carla Bigatto, Sheila Magalhães e Luiz Megale) e outro do meio-dia (Eduardo Oinegue) foram uníssomos em associar a fala do presidente à misoginia. Em oposição aos jornalistas do mesmo grupo de comunicação, o âncora do programa noturno "*É da coisa*", Reinaldo Azevedo, disse que a mesma fala estava contextualizada. Alvo do comentário, a própria Gleisi Hoffmann saiu em defesa de Lula, destacando que "*gestos são mais importantes que palavras*" e ressaltando o histórico do presidente em empoderar mulheres. No entanto, parlamentares da oposição aproveitaram a oportunidade para criticar a declaração, ironizando a aparência da ministra e acusando o presidente de machismo. Envolvido em uma série de polêmicas, o deputado federal Gustavo Gayer (PL-GO) pode ter seu mandato cassação por quebra de decoro parlamentar. Na ocasião, o deputado publicou nas

redes sociais comentários ofensivos³⁴ direcionados à ministra Gleisi Hoffmann, e ao presidente do Senado, Davi Alcolumbre. Gayer insinuou que Alcolumbre formaria um "trisal" com Gleisi e seu marido, o deputado Lindbergh Farias. Em resposta, Alcolumbre anunciou que entrará com uma ação judicial contra Gayer e solicitará sua cassação no Conselho de Ética da Câmara. Além disso, o Partido dos Trabalhadores (PT) formalizou um pedido de cassação de Gayer no Conselho de Ética da Câmara devido a ataques considerados misóginos e ofensivos à ministra Gleisi Hoffmann.

Dissonância Cognitiva como Política de Comunicação

Os teóricos da "*Dissonância Cognitiva*"³⁵ reforçam como a linguagem pode ser manipulada para sustentar narrativas políticas preexistentes. Esse conceito foi introduzido pelo psicólogo social Leon Festinger em 1957, em sua obra *The Theory of Cognitive Dissonance*. Festinger postulou que os seres humanos têm um desejo inato por coerência interna e que, quando confrontados com ideias ou informações conflitantes, tendem a buscar formas de minimizar essa contradição. Tal fenômeno é amplamente explorado em estratégias de manipulação, especialmente na *disseminação de mentiras e desinformação*. Isso ocorre porque, diante de uma nova informação que contradiz suas crenças, uma pessoa pode optar por:

1. **Rejeitar a Verdade** – Se uma mentira reforça um sistema de crenças já estabelecido, o indivíduo pode simplesmente ignorar ou desacreditar evidências em contrário.
2. **Reinterpretar os Fatos** – Em vez de aceitar que uma informação é falsa, a pessoa pode reinterpretá-la de modo a torná-la compatível com sua visão de mundo.
3. **Apoiar-se em Viés de Confirmação** – O indivíduo busca apenas informações que confirmem suas crenças prévias, evitando qualquer evidência que possa desafiá-las.

Exemplo na Manipulação da Opinião Pública

Governos, mídias tendenciosas e grupos ideológicos frequentemente exploram a dissonância cognitiva para fortalecer narrativas e polarizar a sociedade. Por exemplo, quando um líder político é acusado de corrupção, seus apoiadores podem:

1. **Afirmar que a acusação** é uma conspiração da oposição (rejeição da verdade);
2. **Alegar que "todos os políticos roubam**, então isso não faz diferença" (reinterpretação dos fatos);
3. **Consumir apenas veículos de informação** alinhados com sua ideologia (viés de confirmação).

Contraditoriamente, a *dissonância cognitiva verbal* promovida nas redes sociais também se manifesta *visualmente*, embora passe despercebida aos pagadores de impostos da camada mais pobre da população. Vejamos um exemplo: nos Estados Unidos, políticos do Partido Republicano adotam bonés vermelhos estampados com *slogans* de efeito, símbolos de uma ideologia conservadora e nacionalista. Já abaixo da linha do Equador, a mesma cor é associada a um espectro político oposto — o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), vinculado à luta pela reforma agrária e aos ideais da esquerda brasileira.

³⁴ Acessado no link: <https://www.infomoney.com.br/politica/quem-e-gustavo-gayer-que-suguiu-trisal-entre-gleisi-lindbergh-e-alcolumbre/>

³⁵ A *dissonância cognitiva* é um fenômeno psicológico que ocorre quando um indivíduo experimenta um conflito interno entre crenças, valores ou informações contraditórias. Esse desconforto leva a uma necessidade de reduzir a inconsistência, seja mudando a crença, reinterpretando os fatos ou rejeitando informações que não se encaixam em sua visão de mundo.



As *imagens* à reboque da semiologia a partir do confronto de ideologias antagônicas.

Essa contradição semiótica se intensifica em imagens emblemáticas, como a de um imigrante mexicano vestindo uma camisa com a inscrição "*Latinos for Trump*", sendo algemado e deportado por agentes de imigração dos EUA. O paradoxo é evidente: latinos que votaram em Trump não perceberam que eram, eles próprios, alvos do discurso supremacista propagado por sua campanha. Essa *cegueira política* revela o poder da manipulação simbólica, onde

- cores,
- palavras,
- símbolos,
- signos e
- imagens

são estrategicamente distorcidas para

- confundir,
- dividir e
- capturar apoios contraditórios.

No caso do presidente Lula, a interpretação do termo "*bonita*" variou conforme o *alinhamento ideológico dos interlocutores*, evidenciando uma *falência na comunicação objetiva* e uma tendência crescente de se presumir intenções baseadas em filiações políticas. Essa fragmentação do discurso público reflete a influência das *big techs* também na mídia tradicional na disseminação de informações e na formação de bolhas informativas, onde fatos são moldados para atender a agendas específicas, em detrimento de uma análise imparcial e fundamentada. Em suma, o incidente ressalta a necessidade de uma reflexão crítica sobre como a linguagem é utilizada e interpretada na esfera pública, especialmente em um contexto de polarização política e influência das plataformas digitais na construção da realidade social espectral, descentralizada da vontade apenas de quem tem mais *poder político e econômico*.

5 - Inteligência Artificial e o Algoritmo da Manipulação

Em seu livro *The Big Nine*, a futurista Amy Webb analisa como a inteligência artificial amplifica desinformação, organizando conteúdos para maximizar engajamento, sem distinção entre verdade e mentira. Os algoritmos do *Facebook*, *YouTube* e *Twitter* favorecem *conteúdos polarizadores*, aumentando a legitimidade de discursos falsos simplesmente porque *eles geram mais interação*. Segundo Webb (2019, p. 150), "não estamos apenas lidando com *fake news*. Estamos lidando com um sistema programado para *amplificar falsidades e enfraquecer a confiança pública na verdade*." Esse fenômeno se alinha ao conceito de "*colonialismo digital*",

descrito por Nick Couldry e Ulises Mejias em *Digital Colonialism*. Segundo eles, as plataformas digitais não apenas transmitem informação, mas criam novas formas de controle social e político. Países do Sul Global, por exemplo, dependem de plataformas ocidentais, que muitas vezes manipulam os fluxos de informação em favor de interesses políticos externos. Para Couldry & Mejias (2020, p. 74), "a verdade não é mais uma construção social compartilhada, mas *uma mercadoria manipulável* dentro do mercado de dados."

Os 9 Gigantes que Moldam o Futuro

Para Amy Webb, as nove gigantes da tecnologia estão moldando o futuro da inteligência artificial e exercendo um enorme poder sobre dados, economia e sociedade. Esses "*Big Nine*" são divididos em dois grupos:

Os 6 Gigantes dos EUA (*G-MAFIA*) – Acrônimo do Colonialismo Digital

1. Google – Pioneiro em IA com o DeepMind e assistentes virtuais.
2. Microsoft – Domina IA empresarial e computação em nuvem.
3. Amazon – Avançado em IA para comércio, assistentes de voz e logística.
4. Facebook (Meta) – IA focada em publicidade, redes sociais e metaverso.
5. IBM – IA empresarial e computação quântica (Watson).
6. Apple – IA integrada em dispositivos móveis e assistentes (Siri).

Numa clara alusão à velha máfia dos *Dons Corleones* sobre os quais menciona a matéria da revista *The Economist*, não foi fortuito que esse grupo poderoso ligado às *big techs* tenha sido formado a partir do acrônimo *G-MAFIA*: são corporações privadas do Ocidente que dominam o setor de IA e seguem uma lógica de mercado. Em seu livro, Webb destaca que, ao lado do *G-MAFIA* (Google, Microsoft, Amazon, Facebook, IBM e Apple), estão os Estados Unidos e seus aliados ocidentais. Isso significa que a IA desenvolvida por essas empresas opera dentro da lógica de mercado e da política externa dos EUA, com influência direta sobre países aliados, como:

1. Reino Unido
2. União Europeia (especialmente França e Alemanha)
3. Canadá
4. Austrália
5. Japão
6. Índia (em certa medida, apesar de sua autonomia tecnológica)

Os 3 Gigantes da China (*BAT*) – Capitalismo de Estado que Também Mente

1. Baidu – Especialista em reconhecimento de voz e IA para buscas.
2. Alibaba – Domina IA para comércio e finanças.
3. Tencent – Forte em IA para redes sociais e entretenimento (*WeChat*).

Essas empresas formam o *BAT* e estão altamente alinhadas ao governo chinês, operando sob uma lógica centralizada e estatal, dentro do Capitalismo de Estado.

IA e Poder Global: O Duelo *G-MAFIA* x *BAT*

As empresas dos EUA operam dentro de um modelo capitalista, onde o financiamento da IA depende de interesses comerciais e investimentos privados. Segundo Webb, isso significa que o mercado dita os rumos do desenvolvimento da IA, favorecendo inovação, mas também ampliando desigualdades tecnológicas. O domínio dessas empresas se reflete na influência sobre padrões globais, impactando privacidade, algoritmos de recomendação e controle de dados. Nesse cenário, países como Reino Unido, Canadá, Japão e União Europeia estão alinhados ao modelo americano, mas com regulamentações mais rígidas em alguns casos – como o GDPR europeu³⁶. Ainda assim, o Ocidente depende do *G-MAFIA* para infraestrutura digital, tornando-se vulnerável ao monopólio dessas empresas. Segundo Webb (2019, p. 42), "os EUA permitiram que suas maiores empresas de tecnologia dominassem a IA sem um plano unificado do governo, o que cria uma dependência perigosa do setor privado."

6 - Riscos da Mentira como Poder político e Econômico

Assim como ocorreu com a ascensão de Hitler a partir de 1933, impulsionada pela xenofobia e pela propaganda mentirosa, Donald Trump corre o mesmo risco de conduzir os Estados Unidos a um colapso civil e político por meio de um intenso processo de desinformação. Se, no caso de Hitler, o *Terceiro Reich* ruíu em 1945, Trump pode arrastar os americanos para um novo conflito interno, evocando traumas da Guerra de Secessão³⁷ (1861-1865). À medida que a população perceber a escalada do colapso político e econômico, o próprio povo pode recorrer às armas, tal como fizeram os alemães no começo do século 20. Fatores como o início da Grande Depressão (1929), desemprego maciço, as humilhações sofridas pela Alemanha a partir do *Tratado de Versalhes* (1919), o descontentamento social com o regime democrático ineficaz, o apoio do povo alemão aos partidos nacionalistas e o temor de uma revolução socialista levaram a alta burguesia alemã, empresários e o clero a apoiarem a extrema-direita do espectro político, optando por extremistas de partidos como o Partido Nazista.

Bate-boca entre Trump e Zelensky no Salão Oval

Esses riscos às vezes podem ser relevados ainda em tempos de paz, como numa conversa nada anistosa entre o presente dos Estados Unidos Donald Trump e Volodymyr Zelensky no Salão Oval da Casa Branca³⁸. O encontro ocorrido em 28 de fevereiro de 2025 é um exemplo prático de como a desinformação e a manipulação política se entrelaçam no boliche global de poder. O episódio não foi apenas um desacordo diplomático, mas sim um evento carregado de manipulação narrativa, no qual Trump reforçou teses pró-Rússia, distorceu a realidade geopolítica e usou a imprensa e as redes sociais para consolidar sua versão dos fatos. A estrutura narrativa do embate proposto por Trump segue um mesmo padrão ideológico:

- 1. lançamento de falsas narrativas,**
- 2. amplificação delas pela mídia tradicional ou não,**
- 3. legitimação através de *loops* narrativos**

³⁶ O Regulamento Geral de Proteção de Dados da União Europeia (GDPR) é uma norma estabelecida para regular a proteção de dados na União Europeia. Amplamente discutido, o GDPR foi implementado para aprimorar a proteção e regular o uso de dados sensíveis de indivíduos registrados em serviços digitais, que possuem acesso a uma vasta quantidade de informações.

³⁷ A "Guerra de Secessão" ou "Guerra Civil Americana" foi uma guerra civil ocorrida nos Estados Unidos da América, entre 1861 e 1865. O conflito envolveu os Estados do Norte (União) e os Estados do Sul (Estados Confederados da América) pela emancipação dos escravos e terminou com a vitória da União.

³⁸ Acesso link: <https://www.estadao.com.br/internacional/eua-e-ucrania-nao-assinam-acordo-sobre-minerais-apos-bate-boca-entre-trump-e-zelenski-nprei/>

4. **legitimação através de desvios narrativos e**
5. **alianças políticas e econômicas como ganho pessoal.**

Durante a reunião, Trump repetiu a justificativa de Vladimir Putin para a invasão da Ucrânia em 2022, afirmando que o conflito começou porque o país buscava se juntar à OTAN. Ele chegou a dizer que Zelensky deveria "esquecer" o ingresso na aliança militar ocidental, consolidando uma retórica que, na prática, culpabiliza a Ucrânia pela guerra iniciada pela Rússia. Essa narrativa segue a tática clássica da desinformação política:

1. **Uma mentira é apresentada como "fato histórico"** – Trump reafirma que a OTAN foi o motivo central da guerra, ignorando a agressão russa.
2. **A repetição consolida a dúvida** – Ao ser repetida, essa alegação ganha força mesmo sem base factual.
3. **A mídia tradicional ajuda a amplificar** – Canais pró-Trump e até a imprensa tradicional cobriram essa fala, permitindo que a versão distorcida circulasse.

Como aponta Amy Webb, em *The Big Nine*: "a repetição de falsidades no ecossistema digital não precisa convencer a todos, apenas criar ruído suficiente para enfraquecer a verdade" (Webb: 2019, p. 145). Ao insistir nessa versão dos fatos, Trump não apenas alimenta a narrativa pró-Rússia, mas também mina a legitimidade da resistência ucraniana, transformando Zelensky em um obstáculo à paz, e não em uma vítima da agressão russa. A imprensa, sem perceber, ajudou a reforçar a versão distorcida do evento, ao destacar como manchete em quase todos os jornais: *"Bate-boca entre Trump e Zelesnki no Salão Oval"*. A cobertura jornalística deu destaque ao bate-boca, mas muitos veículos caíram na armadilha da falsa equivalência, tratando a fala de Trump como um "posicionamento legítimo" dentro do debate geopolítico capturado pelos novos *Dons Corleones* da política internacional. Como destaca Shoshana Zuboff, em *Surveillance Capitalism*: "O sistema midiático moderno não é projetado para proteger a verdade, mas para capturar a atenção, tornando a desinformação um subproduto inevitável" (Zuboff: 2019, p. 94).



As **imagens** após bate-boca na Casa Branca, França faz ameaça nuclear.

Dessa forma, a mentira de Trump sobre a OTAN foi validada pela mídia oficial pelo simples fato de ter sido *"amplamente discutida"*. Mesmo veículos críticos ao ex-presidente *"precisaram"* mencionar a declaração, contribuindo para sua disseminação. Contudo, na linha do tempo, o mundo real sempre tende a prevalecer sobre a construção de *realidades alternativas* fundamentadas em pinos de mentira. Apenas quatro dias após o embate na Casa Branca, que terminou sem a assinatura de um acordo sobre a guerra na Ucrânia, a França — antigo aliado dos Estados Unidos — impôs um ultimato, redefinindo o xadrez da nova geopolítica movida

por interesses pessoais. No dia 2 de fevereiro de 2025, o presidente Emmanuel Macron³⁹ ofereceu arsenal nuclear francês⁴⁰ para proteger Europa diante da incerteza sobre apoio dos EUA contra a Rússia. Abalados pela aproximação entre Washington e Moscou e atordoados pelos ataques virulentos de que Zelensky foi alvo no Salão Oval, os aliados de Kiev cerraram fileiras em favor do líder ucraniano. Convidados pelo primeiro-ministro britânico, Keir Starmer, 15 líderes europeus, incluindo Macron e o chanceler alemão Olaf Scholz e, comprometeram-se na presença de Zelensky a apoiar Kiev e a fortalecer suas defesas contra a Rússia, evidenciando os riscos belicistas de uma política baseada em bravatas e no falseamento da realidade. Ainda como resposta ao bate-boca, chefes de exércitos ocidentais⁴¹ se reuniram, sem a presença dos EUA, como um claro apoio incondicional ao presidente da Ucrânia. Como um ato de “vingança”, Trump ameaça sobretaxar em 200% vinhos e champagne⁴² franceses.

Desvios Narrativos como Estratégia de Distração Midiática

Antes do bate-boca principal, Zelensky foi alvo de um ataque simbólico furtivo. O jornalista Brian Glenn, do canal pró-Trump *Real America's Voice*, questionou o ucraniano sobre seu traje militar, argumentando que ele deveria usar um terno formal. Esse ataque foi uma tática clássica de distração, desviando o foco do real debate para um assunto superficial e carregado de viés político. Como argumentam Hardt e Negri, em *Empire*: "O poder contemporâneo não precisa vencer debates; basta deslocá-los para temas onde seu discurso pode prevalecer" (Hardt & Negri: 2000, p. 215). Esse episódio ilustra bem como a desinformação e a manipulação não ocorrem apenas em nível macro, mas também em ataques simbólicos que moldam a percepção pública. No ambiente digital, discussões sobre o "terno de Zelensky" rapidamente viralizaram, servindo como distração do embate real entre Trump e o líder ucraniano. Quem novamente saiu ganhando os 12 *games* do boliche? A dupla Trump-Bannon. Trump não apenas usou o Salão Oval como palco para lançar suas narrativas, mas também contou com apoio institucional da mídia global para reforçá-las. Durante a reunião, seu vice-presidente J.D. Vance e aliados republicanos riram das provocações a Zelensky, reforçando a ideia de que o líder ucraniano estava sendo ridicularizado e isolado. Como Joshua Green explica em *Devil's Bargain*: "A repetição de uma mentira por diferentes fontes cria a ilusão de consenso, fazendo com que ela pareça um fato aceito" (Green: 2017, p. 145). A presença de aliados de Trump, somada à cobertura simpática de veículos conservadores, ajudou a consolidar a narrativa de que:

- Trump estava "cobrando Zelensky" por seu fracasso na guerra.
- A OTAN realmente foi o motivo da invasão russa.
- A Ucrânia deveria aceitar um acordo de paz imposto pelos EUA.

A Tática da Inversão da Narrativa dos Fatos

³⁹ Acessado no link: <https://www.brasil247.com/mundo/macron-oferece-arsenal-nuclear-frances-para-proteger-europa-diante-de-incerteza-sobre-apoio-dos-eua>

⁴⁰ A França possui o quarto arsenal nuclear mundial, atrás dos EUA e Rússia - que concentram 90% das cerca de 12 mil ogivas nucleares globais -, e da China.

⁴¹ Acessado no link: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2025/03/11/em-rara-reuniao-sem-eua-chefes-de-exercitos-ocidentais-se-reunem-para-mostrar-uniao-sobre-ucrania.htm>

⁴² Acessado no link: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/mundo/trump-amea%C3%A7a-impor-tarifas-de-200-sobre-vinho-e-champagne-da-fran%C3%A7a-e-da-ue-1.1588152>

Essas afirmações, mesmo sendo enganosas, foram legitimadas porque foram repetidas, apoiadas por figuras públicas e amplificadas pela mídia em escala global. Confrontado publicamente, Trump utilizou a tática da inversão narrativa. Essa estratégia segue o que Stephen Bannon descreveu como "*flood the zone with shit*" de inundar o debate com desinformação. O objetivo de Trump não era provar que dizia a verdade, mas gerar confusão suficiente para que o público duvidasse da realidade. Para Joshua Green (2017, p. 102), "a mentira política bem-sucedida não convence todos, mas cria incerteza suficiente para que ninguém saiba em quem confiar." A cobertura da imprensa ajudou a reforçar a estratégia de Trump, mesmo sem intenção aparente, afinal a imprensa muitas vezes funciona como uma *besta-fera* ao reportar como um monólito informacional, segundo a *Metáfora do Boliche*. Como Shoshana Zuboff explica, os algoritmos e os meios de comunicação priorizam conteúdos polarizadores, independentemente da veracidade. Assim, enquanto as manchetes discutiam se Trump havia ou não pressionado Zelensky, a própria existência do debate já ajudava a dar credibilidade à mentira. Conforme Zuboff (2019, p. 118), "o sistema informacional moderno recompensa quem manipula a verdade, pois o engajamento é mais valioso do que a veracidade." Zelensky, por sua vez, tentou evitar confronto direto com Trump, pois sabia que a Ucrânia dependia do apoio americano. Ao não rebater a narrativa de Trump de maneira incisiva, ele acabou reforçando a percepção de que havia algo a esconder, agindo paradoxalmente como *Michéy Mouse*, ícone que o americano médio conhece bem. Isso demonstra como a dinâmica de poder global força líderes menores a participarem do teatro da desinformação, mesmo contra sua vontade. O embate entre Trump e Zelensky é um exemplo dessa lógica: o líder ucraniano foi forçado a operar dentro das regras da desinformação, ao mesmo tempo que estava sendo alvo dela.

Avanço do Poder Imperial Moderno: O Virtual Emparedamento de Lula

Assim como Zelensky, a dupla Trump-Bannon também quer "emparedar" outro líder de um país emergente: o presidente brasileiro, Luíz Inácio Lula da Silva. Contudo, o primeiro algo foi o ministro do STF, Alexandre de Moraes. Logo nos primeiros meses do 2º mandato de Trump avançaram na Justiça norte-americana novas apelações da empresa norte-americana *Rumble*⁴³ contra decisões de Moraes no Brasil. Apesar de tramitar nos EUA, o processo é um reflexo das derrotas judiciais sofridas pelas *big techs* em território brasileiro, especialmente após o bloqueio total do X de Elon Musk. Embora o caso *Rumble-Moraes*, não tenha nada a ver com o governo Lula, a ação trumpista que envolver o presidente brasileiro para minar seu poder de influência no Sul Global. Não por coincidência, as duas plataformas que litigam com Moraes são ligadas à extrema-direita americana: além do *Rumble*, uma rede social de vídeos, também a *Trump Media & Technology Group*, move ações contra o ministro do STF, embora tenha como proprietário o atual presidente Donald Trump. Ainda que as ações do *Rumble* e *Trump Media* sejam direcionadas a Moraes, o litígio atingiu também a soberania do Estado brasileiro, numa clara tentativa de afrontar o presidente Lula que, em tese, não teria nenhuma relação com a questão. Esse jogo de inversão narrativa acabou envolvendo também o presidente

⁴³ Acessado pelo link: <https://www.cartacapital.com.br/justica/entenda-a-disputa-entre-o-rumble-e-alexandre-de-moraes-nos-eua/>

brasileiro⁴⁴ quando uma nota do Itamaraty rebateu de forma veemente as ingerências do Departamento de Estado americano no judiciário brasileiro:

“A manifestação do Departamento de Estado distorce o sentido das decisões do Supremo Tribunal Federal, cujos efeitos destinam-se a assegurar a aplicação, no território nacional, da legislação brasileira pertinente, inclusive a exigência da constituição de representantes legais a todas as empresas que atuam no Brasil. A liberdade de expressão, direito fundamental consagrado no sistema jurídico brasileiro, deve ser exercida, no Brasil, em consonância com os demais preceitos legais vigentes, sobretudo os de natureza criminal”, diz o Itamaraty (íntegra ao final do texto).

Em entrevista publicada no X ao jornalista Luis Nassif⁴⁵, Miguel Nicolelis⁴⁶, um dos 20 cientistas mais renomados do mundo, argumenta que esse grupo político comandado pela extrema-direita mundial vai tentar desgastar a imagem do presidente Lula até as eleições de 2026 e buscar eleger um nome da direita brasileira. Em seu livro *OverLords da Big Techs*, Nicolelis reforça esse movimento através do casamento que ocorreu nos últimos 10 anos entre o *Big Money*, *Big Oil* e as *Big Techs*. Basicamente, esses 3 conglomerados empresariais não precisam mais de Estados Nacionais como conhecemos hoje. Buscam derrubar quaisquer barreiras para exercerem seu poder. Assim, rompem com fronteiras nacionais e suas respectivas constituições.



As **imagens** revelam a diferença de estrutura de poder (EUA e China) e a ascensão das IA's chinesas.

Para Michael Hardt e Antonio Negri, esse poder imperial moderno se manifesta não apenas pela força bélica, mas pela capacidade de controlar narrativas. Nesse caso do *Rumble* e *Trump Media*, o judiciário americano “comeu a isca” e acabou sendo envolvido para promover intimidação ideológica de adversários políticos, sob a tutela desse poder imperial moderno. Segundo Hardt & Negri (2000, p. 201), "o poder contemporâneo não impõe verdades, mas constrói redes de influência que determinam *quais versões da realidade são aceitáveis*." Contudo, a verdade presumida não mente: aos contrário da extrema-direita americana, os chineses apostam em uma estrutura de poder baseada em entes governamentais, tendo os bancos e corporações sob a tutela estatal. E o *fato presumido* de sua eficiência foi a chegada da inteligência artificial chinesa *DeepSeek*⁴⁷, que varreu em 24 horas o PIB de 1 ano de país grande na bolsa de valores americana. Quem mais perdeu? As big techs norte-americanas.

Como Isso Impacta a Geopolítica da IA?

⁴⁴ Acessado pelo link: <https://www.itatiaia.com.br/politica/2025/02/26/caso-rumble-governo-lula-rebate-critica-dos-eua-sobre-decisao-de-moraes>

⁴⁵ Acessado no link: <https://x.com/NestorCavalcanti/status/1884918070860198376>

⁴⁶ Miguel Nicolelis é um médico e neurocientista brasileiro, considerado um dos vinte maiores cientistas em sua área no começo da década passada pela revista de divulgação *Scientific American*.

⁴⁷ Acessado no link: <https://x.com/LuizPersechini/status/1884000882632610043>

Para a professora de previsão estratégica e futurista, Amy Webb, alerta para um futuro distópico caso a IA continue sendo monopolizada por essas empresas e países:

1. **Desigualdade na distribuição da tecnologia** – O poder da IA fica concentrado em poucos países e empresas.
2. **Manipulação da informação** – Algoritmos de IA amplificam desinformação e controle sobre o discurso público e adoção de políticas públicas.
3. **Disputa entre modelos** – O Ocidente segue um modelo de mercado, enquanto a China promove um modelo centralizado e autoritário.

Para Webb, o ideal seria uma governança global da IA, mas os interesses políticos e econômicos tornam isso improvável. Sob essa ótica distópica, a IA e o controle dos dados são elementos centrais para a manipulação política e econômica. Empresas do *G-MAFIA* e do *BAT* não apenas dominam a tecnologia, mas moldam a narrativa global. No contexto da *Metáfora do Boliche*, isso reforça como desinformação via rede social e oficializada pela imprensa, propaganda e manipulação digital são ferramentas de poder estrategicamente usadas tanto no Ocidente quanto no Oriente.

7- Judiciário Tendencioso: As Possíveis Soluções Regulatórias

A questão de um judiciário tendencioso tem sido um tema central nos debates sobre o avanço do populismo e da extrema-direita na política global. Líderes como Donald Trump, Jair Bolsonaro, Viktor Orbán e Benjamin Netanyahu frequentemente acusam o judiciário de parcialidade quando decisões judiciais contrariam seus interesses. Essa estratégia tem dois efeitos principais:

1. minar a credibilidade das instituições democráticas e
2. reforçar uma narrativa de perseguição política, que fortaleça a base eleitoral desses líderes.

No entanto, o problema não se resume apenas a acusações infundadas. Há um debate legítimo sobre a influência política no judiciário, a necessidade de maior transparência no processo de nomeação de juízes e as dificuldades em estabelecer mecanismos regulatórios que garantam a imparcialidade. Para entender essa questão, este artigo recorreu a autores que analisam, entre outras coisas

1. o avanço do autoritarismo digital,
2. o populismo em escala global e
3. o impacto da mídia na construção de narrativas judiciais.

Como a Extrema-direita Usa o Judiciário Como Ferramenta Política

O judiciário sempre foi um campo de batalha crucial para líderes populistas e figuras da extrema-direita. Como destaca John Whitehead, em *Bannon's War: A History of the Rise of the Alt-Right*, Bannon e seus aliados usaram a narrativa de "ativismo judicial" para desacreditar decisões que contrariavam sua agenda. Segundo Whitehead (2018, p. 132), "o discurso da *alt-right* em relação ao judiciário não busca reformá-lo de fato, mas enfraquecê-lo como barreira contra o avanço de sua agenda." Donald Trump, seguindo essa estratégia, frequentemente atacou a Suprema Corte dos EUA e juízes federais que bloquearam suas políticas anti-imigração, chamando-os de "juízes políticos". Esse padrão se repetiu com Jair Bolsonaro no

Brasil, ao atacar o Supremo Tribunal Federal, e com Netanyahu em Israel, que tentou limitar o poder da Suprema Corte para evitar julgamentos contra ele.

O Papel da Mídia e das Redes Sociais na Construção de Narrativas Judiciais

A mídia ao lado das redes sociais desempenha um papel central na legitimação do discurso de um judiciário tendencioso. Michael Wolff, em *Fire and Fury: Inside the Trump White House*, relata como Trump e Bannon usavam ataques coordenados contra juízes e promotores para desmoralizar qualquer investigação contra seu governo. Segundo Wolff (2018, p. 156), "Trump não precisava ganhar no tribunal; ele precisava ganhar na narrativa pública. Seu objetivo era convencer seus eleitores de que qualquer decisão contra ele era, por definição, uma fraude." No Brasil, essa estratégia foi replicada por Jair Bolsonaro, que usou ataques ao STF e ao Tribunal Superior Eleitoral para questionar a legitimidade das eleições. Na Hungria, Viktor Orbán alterou as regras do sistema judiciário, nomeando aliados e dificultando a independência do judiciário. Em *The Costs of Connection*, Couldry e Mejias analisam como as plataformas digitais ajudam a espalhar e consolidar narrativas conspiratórias sobre o judiciário, transformando debates jurídicos em batalhas de opinião pública. Para Couldry & Mejias (2019, p. 90), "o judiciário, antes um campo de decisões baseadas em leis, agora se tornou mais um palco de guerra informacional, onde a verdade jurídica pode ser facilmente manipulada por meio de campanhas digitais." Esse fenômeno se conecta ao *capitalismo de vigilância*, pois os algoritmos priorizam conteúdos que geram engajamento emocional, tornando ataques ao judiciário uma ferramenta poderosa para políticos que desejam deslegitimar decisões judiciais contrárias a seus interesses.

Possíveis Soluções Regulatórias: Reformas no Processo de Nomeação de Juízes

Diante desse cenário, diversas soluções regulatórias podem ser debatidas para fortalecer a independência do judiciário e reduzir sua instrumentalização política. Em *The Great Revolt*, Zito e Todd destacam que a nomeação de juízes por critérios ideológicos é uma das principais causas da desconfiança no judiciário. Segundo Zito & Todd (2018, p. 201), "a confiança no sistema judicial só pode ser restaurada quando seu processo de seleção for blindado contra interesses políticos partidários." Nos EUA, a Suprema Corte passou a ser vista como uma extensão do poder presidencial, uma tendência replicada na Polônia, Hungria e Brasil. Uma reforma na indicação de juízes, garantindo maior participação de especialistas independentes e menor influência direta do Executivo, poderia ajudar a reverter essa crise de credibilidade.

Regulamentação de Redes Sociais Contra Campanhas de Desinformação Jurídica

Em *Hillary's America*, Dinesh D'Souza argumenta que "o controle das narrativas jurídicas é tão importante quanto as próprias decisões judiciais." Conforme D'Souza (2016, p. 167), "a guerra informacional contra o judiciário faz parte de um movimento mais amplo para controlar todas as instituições democráticas." O problema central aqui é que redes sociais como *Facebook* e *X (ex-Twitter)* amplificam narrativas falsas sobre o judiciário, tornando difícil diferenciar fatos de propaganda política. É preciso promover soluções, tais como:

1. Impedir a monetização de conteúdos falsos sobre processos judiciais.
2. Revisar algoritmos para evitar a amplificação de conteúdos que desacreditam decisões judiciais sem embasamento.

3. Implementar mecanismos de verificação e alerta para conteúdos manipulativos sobre casos jurídicos.

Essas medidas ajudariam a impedir que ataques ao judiciário fossem usados como arma política.

Transparência e *Accountability* no Judiciário

Para Moldes, em *The Political Economy of the Alt-Right*, defende que a extrema-direita se *fortalece justamente onde as instituições falham em oferecer transparência*. Conforme Moldes (2020, p. 145), "a percepção de um judiciário corrupto ou parcial é um dos maiores combustíveis para o crescimento do populismo autoritário." Para combater essa crise de confiança, o judiciário precisa

1. **Ampliar a transparência dos julgamentos**, com maior divulgação de critérios de decisão.
2. **Fortalecer mecanismos de controle externo** e auditorias independentes.
3. **Aproximar a linguagem jurídica do público**, tornando as decisões mais acessíveis e compreensíveis.

8 - Desarmando a Armadilha da Imprensa: Falência da Notícia Monolítica

Em *The Big Nine*, Amy Webb analisa como a IA e os algoritmos de recomendação amplificam desinformação e ajudam a construir realidades alternativas para milhões de pessoas. O problema é que a imprensa também está presa a esse sistema, dependendo das mesmas plataformas para audiência e engajamento. "O problema não é apenas que *fake news* se espalham. A questão é que nossas próprias instituições informacionais estão sendo reprogramadas por algoritmos que priorizam desinformação" (Webb, 2019, p. 145). Esse cenário mostra como a luta contra *fake news* não pode ser apenas um esforço trivial de *checagem de fatos*, mas exige mudanças estruturais na forma de *produção, circulação e consumo* da notícia tradicional. Como sugerem Seabra e Santos (2012-14), é preciso tornar a notícia em uma narrativa realmente jogável nas redes sociais para fazer o confronto entre verdade (*realidade presumida*) e mentira (*realidades alternativas*). Se a imprensa deseja combater as *fake news*, precisa rever seu próprio papel no mercado da informação, abandonando a *neutralidade ilusória* e adotando um modelo que enfatize

1. **contexto crítico em redes online jogáveis,**
2. **responsabilidade com os fatos e não com as fontes,**
3. ***accountability*⁴⁸ contra jornalistas bancarizados⁴⁹ e**
4. **jogar de forma inesperada, menos previsível.**

Nesse contexto, é fundamental romper com o modelo tradicional de redação, marcado por hierarquias forjadas em apadrinhamentos políticos, religiosos e empresariais. A própria construção da narrativa jornalística precisa ser repensada para superar a *hiperconcentração* de veículos em poucas fontes — estrutura que permitiu a ascensão da *Metáfora do Boliche*,

⁴⁸ *Accountability* é um conjunto de mecanismos que permitem que os gestores de uma organização prestem contas e sejam responsabilizados pelo resultado de suas ações. O termo *accountability* não tem uma tradução específica para o português, mas pode ser relacionado com responsabilização, fiscalização e controle social.

⁴⁹ "*Jornalistas bancarizados*" é uma expressão cunhada pelo jornalista e pesquisador Geraldo Augusto Seabra para designar profissionais de imprensa que, em troca de altas remunerações, atuam como assessores dos próprios proprietários dos veículos de comunicação, defendendo a publicação de informações desvinculadas da realidade.

instrumentalizada pela extrema-direita para falsear a realidade. Não se pode ficar refém de *leads*⁵⁰ hiperpolitizados, voltados à formação de opinião ideologizada. Assim, a veiculação da notícia deve abandonar o formato monolítico tal qual uma *bola de boliche*, em que todos os veículos são forçados a tratar dos mesmos temas sempre, muitas vezes sem que haja qualquer conexão real com o contexto local de *produção, veiculação e consumo* da notícia. Nesse aspecto, é preciso romper com o atual modelo de redação tradicional, com hierarquias forjadas em apadrinhamentos *políticos, religiosos e empresariais*. A própria narrativa da notícia precisa ser repensada, a fim de quebrar o velho modelo da cobertura jornalística: a hiperconcentração de veículos de comunicação em poucas fontes, o que permitiu a ascensão da *Metáfora do Boliche*, a partir da qual extrema-direita sendimentou seu instrumento ideológico de falseamento da realidade. Não se pode ficar preso a *leads hiperpolitizados* com clara intenção de formar opinião ideologizada. Nesse sentido, a própria veiculação da notícia deixe de ser como uma bola de boliche monolítica, em que todos veículos são reféns de temas similares, mesmo que não haja nenhum contexto aparente com a realidade o local de sua veiculação.

9 – Os 21 sites e redes sociais mais tóxicos do mundo

A disseminação de discursos de ódio e a organização de grupos de extrema-direita têm encontrado terreno fértil em diversas plataformas digitais. Abaixo, compilamos uma lista de 21 sites e redes sociais frequentemente associados a essas atividades, acompanhados de seus fundadores e anos de fundação:

1.YouTube

Fundadores: Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim

Ano de fundação: 2005

Link: <https://www.youtube.com>

2.Facebook

Fundadores: Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Andrew McCollum, Dustin Moskovitz e Chris Hughes

Ano de fundação: 2004

Link: <https://www.facebook.com>

3.WhatsApp

Fundadores: Jan Koum e Brian Acton (Mark Zukerberg, atual proprietário)

Ano de fundação: 2009

Link: <https://www.whatsapp.com>

4.Telegram

Fundadores: Pavel Durov e Nikolai Durov

Ano de fundação: 2013

Link: <https://telegram.org>

5.Discord

Fundadores: Jason Citron e Stan Vishnevskiy

Ano de fundação: 2015

Link: <https://discord.com>

6.Instagram

Fundadores: Kevin Systrom e Mike Krieger

⁵⁰ No jornalismo, *lead* (ou lide) é o parágrafo inicial de uma notícia, que deve resumir as informações essenciais do fato. Ele responde, geralmente, às perguntas básicas: o quê, quem, quando, onde, como e por quê. O objetivo do lead é captar a atenção do leitor e fornecer rapidamente as informações mais importantes, permitindo que ele compreenda o essencial da notícia sem precisar ler o texto inteiro.

Ano de fundação: 2010

Link: <https://www.instagram.com>

7.X (antigo Twitter)

Fundadores: Jack Dorsey, Noah Glass, Biz Stone e Evan Williams (Elon Musk, atual proprietário)

Ano de fundação: 2006

Link: <https://x.com>

8.Fox News

Fundador: Rupert Murdoch

Ano de fundação: 1996

Link: <https://www.foxnews.com>

9.4chan

Fundador: Christopher Poole (moot)

Ano de fundação: 2003

Link: <https://www.4chan.org>

10.8kun (antigo 8chan)

Fundador: Fredrick Brennan

Ano de fundação: 2013

Link: <https://8kun.top>

11.Gab

Fundador: Andrew Torba

Ano de fundação: 2016

Link: <https://gab.com>

12.Parler

Fundadores: John Matze e Jared Thomson

Ano de fundação: 2018

Link: <https://parler.com>

13.BitChute

Fundador: Ray Vahey

Ano de fundação: 2017

Link: <https://www.bitchute.com>

14.Rumble

Fundador: Chris Pavlovski

Ano de fundação: 2013

Link: <https://rumble.com>

15.Stormfront

Fundador: Don Black

Ano de fundação: 1995

Link: <https://www.stormfront.org>

16.Breitbart News

Fundador: Andrew Breitbart

Ano de fundação: 2007

Link: <https://www.breitbart.com>

17.InfoWars

Fundador: Alex Jones

Ano de fundação: 1999

Link: <https://www.infowars.com>

18.The Daily Stormer

Fundador: Andrew Anglin

Ano de fundação: 2013

Link: <https://dailystormer.in>

19.VDare

Fundador: Peter Brimelow

Ano de fundação: 1999

Link: <https://vdare.com>

20.The Gateway Pundit

Fundador: Jim Hoft

Ano de fundação: 2004

Link: <https://www.thegatewaypundit.com>

21. Truth Social

Fundador: Donald Trump

Ano de fundação: 2021

Link: <https://truthsocial.com>

Aliás, a rede social *Truth Social* foi lançada após Trump ser banido do *Twitter* (hoje X) e do *Facebook* por incitação à violência durante a invasão ao Capitólio em 6 de janeiro de 2021. A plataforma se apresenta como um espaço para "*liberdade de expressão*", mas, na prática, virou um refúgio para

1. **teorias da conspiração,**
2. **desinformação eleitoral e**
3. **radicalização da extrema-direita.**

Assim como redes como Gab e Parler, a *Truth Social* sofre com baixa aceitação popular fora da bolha trumpista e tem dificuldades financeiras. Mesmo assim, continua sendo um espaço perigoso de mobilização de extremistas e propagação de fake news. É importante destacar que, embora essas plataformas sejam utilizadas por grupos de extrema-direita para disseminar discursos de ódio e desinformação, nem todas foram criadas com esse propósito. Muitas delas servem a uma ampla gama de usuários e conteúdos. No entanto, a falta de moderação eficaz em algumas dessas plataformas tem permitido que conteúdos tóxicos prosperem. A identificação dessas plataformas como espaços propícios para a disseminação de ideologias extremistas tem levado a debates sobre regulamentação e responsabilidade das empresas de tecnologia. A extrema-direita tem se aproveitado da fragilidade dos mecanismos de moderação para expandir narrativas conspiratórias, desinformação e discursos que incitam violência.

Por que essas plataformas são consideradas tóxicas?

1. **Falta de moderação eficaz** – Muitas dessas redes sociais permitem a livre circulação de conteúdos desinformativos ou de ódio sob a justificativa de "liberdade de expressão".
2. **Bolhas ideológicas** – O algoritmo favorece a criação de bolhas em que os usuários só consomem conteúdos alinhados às suas crenças, reforçando a radicalização.
3. **Monetização da polêmica** – Muitas dessas plataformas lucram com o engajamento gerado por conteúdos controversos, incentivando a perpetuação de discursos extremistas.
4. **Espaço para recrutamento de grupos extremistas** – Algumas dessas redes são usadas para organizar atos violentos, como foi o caso da invasão ao Capitólio nos EUA em 6 de janeiro de 2021.

O desafio da regulamentação

Governos ao redor do mundo estão debatendo formas de regular essas plataformas sem comprometer a liberdade de expressão. Algumas medidas propostas incluem:

1. **Exigência de transparência algorítmica**, para que seja possível entender como determinados conteúdos ganham relevância.
2. **Sanções e multas para redes** que permitem a disseminação de fake news e discursos de ódio sem controle.
3. **Adoção de políticas mais rígidas de moderação**, com a remoção ativa de conteúdos prejudiciais.

O impacto dessas plataformas na sociedade é inegável. Elas não apenas ampliam a disseminação de desinformação, mas também servem como ferramentas para a radicalização e o crescimento de movimentos autoritários. A regulação dessas redes e a conscientização sobre seu papel na formação da opinião pública são fundamentais para combater os danos que podem causar.

Considerações finais

Após revisão de diversos autores ligados ao tema, este presente artigo científico traz à superfície fatos, dados e observações que sugerem que a legitimação de mentiras não ocorre apenas pelo seu impacto inicial, mas por diversos fatotes, tais como:

1. **uso estratégico de repetição**,
2. **amplificação midiática**,
3. **validação institucional e**
4. **manipulação algorítmica.**

As *fake news* não são apenas falsas informações; são instrumentos de poder intencional, utilizados para enfraquecer a confiança pública, reconfigurar realidades políticas e sustentar regimes autoritários ou populistas. O incidente entre Trump e Zelensky exemplifica a complexidade do processo de legitimação de narrativas no cenário internacional. A forma como a imprensa e os líderes políticos interpretam e disseminam informações influencia diretamente a percepção pública e a formação de consensos, ressaltando a importância de uma mídia responsável e de líderes comprometidos com a verdade. Para que uma mentira política seja aceita, é fundamental que instituições públicas e privadas contribuam para sua validação. Isso acontece de três formas principais:

1. **Instituições Políticas** – Governos e partidos repetem mentiras como discursos oficiais, forçando a mídia a cobri-las.
2. **Think Tanks e Especialistas** – Organizações são criadas para produzir relatórios e estudos que "comprovam" falsas narrativas.
3. **Influenciadores e Celebridades** – Figuras públicas reproduzem desinformação, conferindo-lhe uma aparência de credibilidade.

O encontro entre Trump e Zelensky no Salão Oval da Casa Branca funcionou como uma "rotoeira" para pegar o rato despreparado midiaticamente para travar embates na Era dos *Dons Corleones* e da *Metáfora do Boliche*. O bate-boca travado naquele espaço foi miticamente preparado para confrontar e coagir políticos despreparados para lidar nesse novo cenário de guerra civil midiática conflagrada a partir do *colonialismo digital*. O episódio

exemplifica como narrativas falsas são construídas, amplificadas e legitimadas em escala global. Cada fase do *Bolicho da Desinformação* se manifestou nesse episódio:

1. **Pinos de mentira lançados** – Trump afirmou que a OTAN foi o motivo da guerra, ecoando Putin.
2. **A imprensa reagiu como uma bola monolítica** – A mídia, ao cobrir a fala, ajudou a espalhá-la, não desconstruí-la.
3. **Pinos de mentira como distrações midiáticas** – A polêmica do "terno de Zelensky" desviou o foco do debate principal.
4. **O poder institucional como reforço da versão falsa** – Republicanos validaram a tese trumpista, consolidando-a entre seus eleitores amansados.
5. **O poder da técnica do “aparecimento súbito”** – A resposta inesperada de Macron ao episódio desmontou a narrativa de realidade alternativa idealizada por Trump-Bannon.

Esse caso emblemático demonstra ainda como líderes populistas utilizam a imprensa, as redes sociais e as instituições *para fabricar realidades alternativas*, garantindo que suas versões dos fatos prevaleçam, independentemente de sua veracidade. Para tanto, o ataque ao judiciário é um elemento essencial da estratégia populista, pois permite que líderes autoritários justifiquem suas ações como “*defesa contra perseguições políticas*”, minando instituições democráticas. Diante desse desafio, regulações mais robustas sobre redes sociais, maior transparência no judiciário e reformas no processo de nomeação de juízes são essenciais para restaurar a confiança na justiça e conter a instrumentalização política de decisões judiciais.

Por que a rede social Bluesky é uma aposta promissora?

A Bluesky, rede social descentralizada idealizada por Jack Dorsey (cofundador do Twitter/X), é vista por alguns como uma aposta louvável por vários motivos, mas também enfrenta desafios significativos.

1. **Descentralização:** Diferente do Twitter/X, que é controlado por uma única empresa (e hoje reflete a visão de Elon Musk), a Bluesky utiliza o protocolo *AT Protocol*, permitindo que usuários escolham seus próprios servidores e regras de moderação. Isso reduz o risco de censura arbitrária e concentração de poder.
2. **Menos influência corporativa:** A promessa de um ambiente menos dominado por grandes anunciantes e algoritmos voltados apenas para engajamento pode criar um espaço digital mais saudável.
3. **Alternativa ao Twitter/X:** Desde que Elon Musk comprou o Twitter e mudou suas políticas, muitos usuários procuraram alternativas. A Bluesky surge como um concorrente viável, com um design semelhante ao antigo Twitter, mas sem a centralização extrema, indo na contramão da rede sem centros.
4. **Possibilidade de controle do feed:** Usuários podem personalizar seus algoritmos e experiências, escolhendo quais conteúdos priorizar, ao invés de depender das decisões de um sistema opaco que prioriza o engajamento acima de tudo.

Os desafios da Bluesky

1. **Sustentabilidade financeira:** Sem o modelo tradicional de publicidade massiva, a rede precisa encontrar formas de se manter sem comprometer seus princípios.
2. **Moderação descentralizada:** Como lidar com discursos de ódio e desinformação sem criar o caos de redes como Mastodon ou Gab, que sofrem com problemas de moderação?

3. **Adoção em massa:** Para competir com gigantes como Twitter/X e Threads, a Bluesky precisa atrair mais usuários e tornar a experiência mais acessível.

A *Bluesky* representa uma aposta interessante contra o monopólio das redes sociais tradicionais, mas seu sucesso dependerá de como equilibrará

1. **descentralização,**
2. **moderação e**
3. **crescimento.**

Se conseguir, pode se tornar um modelo para o futuro das redes sociais.

Referências Bibliográficas

Camus, Renaud. Bannon: *Always the Rebel*. Paris: Gallimard, 2018.

Couldry, Nick; Mejias, Ulises A. *The Costs of Connection: How Data Is Colonizing Human Life and Appropriating It for Capitalism*. Stanford: Stanford University Press, 2019.

D'Souza, Dinesh. *Hillary's America: The Secret History of the Democratic Party*. Washington, D.C.: Regnery Publishing, 2016.

Flamino, J., Galeazzi, A., Feldman, S. et al. *Political polarization of news media and influencers on Twitter in the 2016 and 2020 US presidential elections*. Nat Hum Behav 7, 904–916 (2023). <https://doi.org/10.1038/s41562-023-01550-8>

Green, Joshua. *Devil's Bargain: Steve Bannon, Donald Trump, and the Storming of the Presidency*. New York: Penguin Press, 2017.

Hardt, Michael; Negri, Antonio. *Empire*. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

KOSTER, Raph. *A Theory of Fun for Game Design*. 2nd ed. Sebastopol, CA: O'Reilly Media, 2013.

Lasser, J., Aroyehun, S.T., Carrella, F. et al. *De concepções alternativas de honestidade a fatos alternativos nas comunicações de políticos dos EUA*. Nat Hum Behav 7, 2140–2151 (2023). <https://doi.org/10.1038/s41562-023-01691-w>

Moldes, Inga F. E. R. F. *The Political Economy of the Alt-Right*. London: Routledge, 2020.

Seabra, Geraldo A.; Santos, Luciene A.. *Do Odyssey 100 aos Newsgames: uma genealogia dos games como informação*. Online, disponível em: <https://www.amazon.com.br/Odyssey-100-aos-NewsGames-genealogia-ebook/dp/B007GMSZMA/>, 2012.

_____. *Newsgames – Teoria Geral Aplicada dos games baseados em notícias: criando as bases narrativas de um novo modelo de Jornalismo Online*. Online, disponível em: <https://books.apple.com/us/book/newsgames-teoria-geral-aplicada-dos-games-baseados/id1047771631/>, 2014.

Webb, Amy. *The Big Nine: How the Tech Titans and Their Thinking Machines Could Warp Humanity*. New York: PublicAffairs, 2019.

Whitehead, John W. *Bannon's War: A History of the Rise of the Alt-Right*. Charlottesville: Rutherford Institute Press, 2018.

Wolff, Michael. *Fire and Fury: Inside the Trump White House*. New York: Henry Holt and Company, 2018.

Zito, Salena; Todd, Brad. *The Great Revolt: Inside the Populist Coalition Reshaping American Politics*. New York: Crown Forum, 2018.

Zuboff, Shoshana. *Surveillance Capitalism: The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power*. New York: PublicAffairs, 2019.

_____. *The Age of Surveillance Capitalism: The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power*. New York: PublicAffairs, 2019.

Simon, Robert I. Homens **Maus Fazem o que Homens Bons Sonham: Um Psiquiatra Forense Ilumina o Lado Obscuro do Comportamento Humano** Capa comum – Site Amazon, janeiro 2009.